

CAPITULO I

Paris, verão de 2008: La Dame de Fer.

Tudo parece estar acontecendo ao mesmo tempo. Descobri que o mundo visto pela TV nunca é o mesmo mundo assistido pelos olhos do dia a dia nas ruas, nas escolas, nas calçadas, no trabalho... Agora mesmo a neve escorrega sorrateira pelo lado de fora do vidro da janela de meu quarto. As cortinas, sempre abertas, não me ocultam as novidades do mundo lá fora: Chuva, neve, frio... muito frio; mas apesar disso, na calçada, as pessoas desfilam de um lado para o outro. Algumas sozinhas, outras acompanhadas e eu, aqui no meu quarto, sentada sobre a pequena escrivaninha próxima a janela, observo invejosa a coragem deles. Já passam das 3h da manhã e a insônia parece ter prazer em me torturar com todo aquele cenário, pois meu maior desejo era estar caminhando lá em baixo entre eles.

Do outro lado da calçada, observo um casal; abraçados olhando a vitrine de uma loja de roupas. O rapaz demonstra ter muito carinho pela jovem, pelo jeito como a toca, acaricia e sorri. Posso perceber, pela expressão de seu rosto, um jovem encantado pela jovialidade de uma moça. Ficaram ali uns 20 minutos se olhando, trocando carícias entre si, tocando e sendo tocados em seus rostos. Ambos tinham cabelos longos e bem tratados que se entrelaçavam entre os dedos durante o afago mútuo. De olhos fechados, enquanto eternizava aquela cena em minha mente, pude quase sentir o cheiro do perfume que exalava entre eles.

Da janela do meu quarto a insônia me torturava com cenas assim, lançando-me ao cárcere das minhas emoções onde, no passado, fui ferida com todo tipo de instrumento de tortura: palavras, gestos, insinuações, desenhos,

piadas, isolamento... Enquanto descia as escadas do meu subconsciente, me aproximando da sala de tortura, meu corpo reagia instantaneamente e de forma descontrolada. Não raro eram os momentos em que precisei enxugar do rosto as lágrimas que transbordavam de meus olhos; e com uma, e somente uma pergunta ecoando dentro de mim: por quê? Do meu quarto de hotel, todos os dias, assisto a cenas como esta; motivadora para alguns, mas para mim era a mais cruel forma de causar dor.

O dia foi amanhecendo e a velha Paris continuava a mesma. Sua beleza e encanto atraíam turistas de todos os cantos do mundo, mas para mim, parisiense viajada, a beleza que muitos vinham em busca eu não conheci. Naquele dia resolvi acabar com todo aquele sofrimento. Sem família, sem amigos, sem causa nobre pelo que lutar, sem nenhuma razão ou explicação palpável para continuar vivendo, decidi fazer o que era mais coerente para mim naquele dia: livrar-me para sempre de minha dor.

Sai do hotel deixando todos os meus pertences no quarto e caminhei em passos firmes em direção a Dama de Ferro. No caminho havia um grupo de turistas que se deliciavam com seu guia que, dedicado, falava-lhes das maravilhas da encantadora Paris. Resolvi me misturar entre eles para passar despercebida de mim mesma. A primeira vista sou uma turista como qualquer outra, mas minha intenção não é apreciar a vista de Paris e nem mesmo conhecer sua história. Seguindo os passos daquele guia tão dedicado, observo os detalhes daquela arquitetura parisiense no intuito de descobrir como poderia me valer dela. A cada passo que ficava para trás via um pedaço da minha vida passar: intermináveis lembranças invadiam minha mente tentando me mostrar que cada minuto valeu a pena.

Enquanto caminhavam felizes e alegres, observava detalhadamente cada rosto, cada olhar, cada sorriso, cada gesto de cada pessoa ali. Pude ler cada

pensamento através das expressões e olhares de cada um. Dentre todos, um rapaz me despertou atenção e súbito interesse. Ele era alto, jovem, bonito e estava muito bem trajado com botas, jeans de inverno, um sobre-tudo muito vistoso e um belo sorriso. Ele não notara meus olhares, pois estava vidrado numa outra pessoa que estava no grupo conosco. Por isso, meu interesse logo passou e mais uma vez passei despercebida na multidão. “Bem, já que ninguém nota minha presença então também não notarão minha ausência deste mundo”, pensei.

Chegando ao topo da Dama de Ferro, dando meus últimos passos, pisando os últimos degraus, meu coração começa a palpitar parecendo um sinal de alerta. Não dei atenção a ele e continuei determinada a cumprir meu propósito. Do alto da Torre Eiffel pude constatar que, de fato, o mundo tem suas belezas, mas meus olhos e meu coração não eram mais atraídos por elas.

Tentei me afastar do grupo e procurar um lugar onde pudesse fazer minha última prece antes de pular, mas não conseguia me desgrudar daquela gente. Era um grupo misto de turistas vindos de vários lugares. O guia era parisiense, mas se comunicava com todos falando inglês. Eu odiava aquilo! Por que ele não falava francês que é muito mais bonito? Como boa estudante e de espírito nacionalista, conhecia de ponta a cabeça cada palavra que ele dizia:

- A Torre Eiffel, apelidada pelos franceses como Dama de Ferro, é um monumento da cidade de Paris, sendo reconhecida em todo o mundo como um símbolo da França. Foi construída para a Exposição mundial de 1889 a fim de demonstrar toda a tecnologia dominada na época em estruturas metálicas. Originalmente seria apenas uma estrutura temporária, a ser desmontada com o fim da Exposição. Com seus 317m de altura, possuía 7.300 toneladas quando foi construída, sendo que atualmente deva passar

das 10.000 toneladas, já que são abrigados restaurantes, museus, lojas, entre muitas outras estruturas que não possuía na época de sua construção. Os últimos vinte metros desta magnífica torre correspondem a uma antena de rádio que foi adicionada posteriormente. Recebe o nome de seu projetista, o engenheiro Gustave Eiffel, nascido em 1832 e falecido em 1923. A idéia e o projecto da Torre Eiffel para a exposição universal de 1889 são uma forma de celebração dos cem anos da Revolução Francesa, que ocorreu em 1789. Desde então...

Enfim, afastei-me do grupo na qual me infiltrei. Perdida em meus pensamentos procurava desesperadamente um lugar sossegado onde pudesse me apoiar e, em seguida, livrar-me da minha dor. O que deveria ser um dia feliz para mim, que completara mais um ano de vida naquela manhã, estava sendo o dia do júízo final. Uma angústia consumia-me vorazmente e pensamentos insanos eram incontrolláveis: milhares deles. Não via outra forma de ter paz, a não ser pulando das mãos da Dama de Ferro. Mas parecia ser impossível naquele dia, pois a multidão ao meu redor não permitiria tal ato. Mesmo assim, tratei de procurar um melhor lugar de onde poderia extirpar, para sempre, a dor que sentira por toda a minha jovem vida. Em fração de segundos, um filme passou pela minha mente, como se fosse a última retrospectiva que iria assistir. Depois de algum tempo de procura, encontrei o lugar ideal de onde seria marcado meu recomeço. Mas havia uma inquietação dentro de mim, bem lá no fundo, parecendo um vívido alerta de que aquele não era o dia marcado. Com as mãos nas grades e uma imparcial determinação de acabar logo com tudo, fui surpreendida por um som, um som que conhecia bem, pois meus poucos e melhores dias foram ouvindo sons como aquele. De costas, pude discernir que se tratava de uma Canon Professional, com lentes de longo alcance. O peculiar trincado do ajuste do zoom ótico fez com que minhas emoções ficassem suspensas por

alguns segundos e uma paz, uma tranqüilidade, um gozo e um alívio me inundaram a ponto de praticamente congelar na posição em que estava.

Não contendo a curiosidade, olhei discretamente para trás e em meio a tudo notei um rapaz, aparentando ser reporter, que me olhava através de sua objetiva. Ele fotografava tudo, o que me assustou. Eu estava sendo fotografada! E pensei: “descobriram meus planos e agora vou virar notícia nos jornais desta manhã.” Estática e ainda de costas, fui deixando vagarosamente minha posição na intenção de sair dali o mais rápido possível. Mas fui surpreendida por lindos olhos castanhos.

Com sua objetiva e um sorriso cativante, ele me pedia pra fazer pose e com caras e bocas insistia em me fotografar. O tempo parou dentro de mim naquela hora de forma surpreendente. Não mais havia sentimentos destrutivos pulsando, pelo contrário, uma sensação de paz e tranqüilidade brotava cada vez mais inexplicavelmente. Então decidi me render aos seus encantos e cedi às brincadeiras; fui criança sob a lente do belo rapaz. Aqueles poucos instantes de descontração, risos e um insinuante clima romântico me deram um fôlego a mais de vida. O rapaz parecia não ser parisiense, ou de qualquer outro canto da Europa. Pela cor de sua pele, nem branca nem negra, mas num tom bronzeado próprio dos países tropicais, sua origem apontava para algum país sulamericano.

Ele me pediu, em inglês, para eu soltar os cabelos e, em francês, respondi perguntando o que ele estava querendo dizer. Claro que entendi o que disse, mas agi assim para criar alguma dificuldade. Para minha surpresa, ele me respondeu, em francês, dizendo não acreditar que eu não havia entendido o que ele disse. Bem, parece que fui pega e então sorri com o dedo entre os dentes. Imediatamente o meu novo amigo, e agora cúmplice, fotografou meu gesto e sorriu para mim. Com passos leves, ele veio em minha direção e

estendeu a mão, na intenção de pegar a minha. Eu deixei e meu coração começou a palpitar novamente, mas agora a emoção era outra. Sem nenhuma palavra dizer, ele me puxou carinhosamente e fomos andando um ao lado do outro. Com o canto dos olhos e entre os cabelos, eu o olhava da cabeça aos pés. Uma enxurrada de adrenalina percorria minha corrente sanguínea traduzindo para mim as mais agradáveis e intensas emoções. De mãos dadas e sem nenhuma palavra dizer, descemos a Torre e caminhamos em direção a um dos mais tradicionais Cafés de Paris. Ao lado dele, sob aquela sensação revigorante, decidi me dar uma segunda chance naquela manhã.

Ao chegarmos no Café, ele puxou a cadeira para eu sentar e assim que tomei assento, ele me abraçou por trás e sussurrou em meu ouvido: “obrigado por aceitar o convite.” Naquele instante, aos meus olhos, o mundo parou e dentro de mim tudo ficou suspenso. O tempo parou novamente para mim. Não consegui discernir se tudo aquilo era real ou não. Fazia muito tempo que não desfrutava de momentos tão agradáveis. Desejei que tudo aquilo não passasse. Sentado a minha frente e fazendo o pedido do nosso desjejum estava ele, um rapaz bonito, atraente, educado e aparentemente inteligente.

Enquanto meu novo amigo pedia nosso desjejum, olhei bem para ela. Aquela feição não me era estranha. Seu rosto me parecia familiar. Tentei puxar pela memória, mas nada, nem lugar algum me remetiam a ele. Um pouco cansada emocionalmente, recostei a cabeça sobre o braço esquerdo que a essa altura estava apoiada sobre a mesa. De olhos fechados procurei aproveitar cada segundo antes que aquela sensação maravilhosa se esvaísse de mim, como era comum. De repente, senti suas mãos massageando minha cabeça e logo fui arremetida a imagem do casal que observava da janela do meu quarto. Pude transferir cada sentido armazenado em minha mente para minhas emoções. Meu coração começou a palpitar rapidamente e uma descarga

muito agradável de endorfina inundou todo meu corpo, e como nunca antes, me senti querida, amada, protegida. O toque de seus dedos transmitia cuidado a mim. Um zelo. Os poucos minutos em que me acariciava foram suficientes para entender que aquela ainda não era a hora de parar de tentar viver. Em seu gesto senti muito desejo de agradar e me fazer bem.

Com o retorno do garçom me recompus para a primeira refeição do dia. O cheiro do café e os pães quentes eram muito convidativos e enquanto me servia trocamos as primeiras palavras desde que nos conhecemos minutos antes.

_ Você não parece ser parisiense. De onde você é, perguntou-me ele.

_ Por que diz isso?

_ Pelo seu jeito. Pode parecer loucura, mas poderia apostar que você estudou na mesma faculdade que eu, e que fica bem longe daqui.

_ Sou da realeza e jamais compartilharia qualquer escola ou faculdade com você, respondi em tom de brincadeira.

_ E membros da realeza freqüentam Sociedades Estudantis?

De onde ele tirou isso? Como soube que fiz parte de Sociedades na faculdade? Será que ele estudou mesmo na mesma escola que eu ou está jogando comigo?

_ Ora de onde você tirou essa idéia?

_ Da tatuagem de um inverso “P” atrás da sua orelha esquerda.

_ Tatuagem!?

_ Sim, minha objetiva captou uma tatuagem na sua nuca, bem atrás da orelha esquerda enquanto posava para mim na Torre. É a mesma tatuagem que possuo.

Puxando a gola role de sua blusa de lã, mostrou-me sua tatuagem igualzinha a que eu tinha, do mesmo tamanho, cor e forma.

_ Estudei por sete anos no Educandário Andrei D'Sá Mursales, no Brasil, mais especificamente em Uberlândia, Minas Gerais e fui membro da Sociedade dos Poetas e, pelo jeito, você estudou lá e participava da mesma Sociedade, a tirar pela tatuagem.

_ Nunca imaginei que pudesse encontrar alguém de lá aqui em Paris, muito menos numa situação como essa, respondi surpresa.

_ Pois é. Já ouviu dizer que o mundo nunca é grande demais para reencontros?

_ Sim, já. Mas, de certa forma, nunca imaginamos que possa acontecer conosco, não é?

_ Isso é verdade. Bem, mas já que o destino nos uniu nesse maravilhoso cenário parisiense, nós que estudamos no mesmo Educandário, participamos da mesma Sociedade, por que não brindarmos a nós com esse delicioso café, disse-me ele erguendo sua xícara.

_ É a primeira vez que vejo alguém brindar com café em toda minha vida!

_ Bem, na verdade, nem eu! Mas consideremos: este é um momento oportuno para se expressar uma boa dose de inteligência emocional, não acha?

Com sorriso no rosto, levantamos nossas “taças” de café e celebramos aquele momento que, para mim, tinha um especial significado. Passamos algumas horas ali conversando, lembrando nosso tempo de faculdade, e passem: como pude passar tanto tempo naquele lugar, freqüentar a mesma Sociedade que ele e, mesmo assim, nunca tê-lo conhecido. Isso me inquietou por alguns instantes. Mas, para não perder aquela maravilhosa sensação, afoguei aquela inquietação e me concentrei naquele momento mágico.

CAPÍTULO III

O Café Maison

As cinzas daquela manhã em Paris, aos poucos, deram lugar a um lindo e maravilhoso dia. O sol, imponente, surgiu para revigorar as forças daqueles que o procuravam depois de uma noite fria. Logo, os andarilhos vistos pela janela de meu quarto foram se aproximando e tomando lugar no Café Maison onde eu estava. Ao ar livre, dezenas de mesas em madeira tratada com uma textura na cor tabaco dava um tom aveludado aos olhos de quem as viam. As cadeiras, também em madeira e na mesma cor, continham acentos revestidos de branco e muito bem acolchoados. Toalhas branquíssimas e guardanapos de seda pérola se destacavam juntamente com uma singela flor posta sobre a mesa. Era, realmente, um bom ambiente para descansar, preparar-se para o dia tomando um café sem igual ou até mesmo para apreciar a vista. Meu desejo, naquele instante, foi que o tempo nunca mais voltasse a andar. Desejei com toda força que ele se aleijasse e não mais pudesse se mover. Viver eternamente experimentando aquela maravilhosa sensação de proteção e amor era o que sempre desejei em toda a minha vida.

Minha mente não parava de trabalhar e não queria dar sossego às minhas emoções. “Como pode haver tanta mistura num mesmo frasco”, cheguei a pensar alto. Misturas de sabores, fragrâncias, texturas... Como podem coexistir tantas coisas diferentes? Por que não conter somente sabores adocicados, ou fragrâncias florais, ou apenas seda, ou que seja algodão macio. Por que a alegria precisa coexistir com a tristeza? Por que é tão necessário os opostos partilharem o mesmo espaço, dividirem o mesmo

ambiente ou manifestarem-se numa mesma pessoa, e de modo tão desproporcional? No meu coração julgo que há uma injusta desproporção de tudo. Como discernir as trevas sem a existência da luz e como definir alegria sem que se tenha vivido a experiência da tristeza? Isso eu compreendo, mas por que eu tenho experimentado noventa e nove por cento de um contra apenas um por cento do outro? Ainda se fosse mais alegrias, mais prazer, mais conforto... menos despedidas.

Meu amigo já dava sinais de que sua hora chegou e imediatamente, minha mente, ao perceber esses sinais, alertou-me sobre uma onda depressiva de tristeza que vinha chegando na intenção de me abater. Com as mãos sobre a mesa e uma delas tocando a mão direita de meu inesperado amigo de faculdade, abaixei a cabeça para enxugar as lágrimas que estavam brotando de meus olhos. Subitamente, larguei as mãos dele e joguei o rosto entre as minhas, na tentativa de esconder meu choro. Mas não funcionou. Compulsiva e desesperadamente chorei, chorei e chorei como uma criança que está prestes a ficar sem a companhia e amor de quem ela quer sempre por perto. Numa atitude impulsiva levantei, afastei-me da mesa e tentei correr na direção da Dama de Ferro para me refugiar, mas meu amigo foi mais rápido que eu e interrompeu minha investida. Abraçou-me de uma forma como nunca fui abraçada antes. Seus braços pareciam não ser reais, pois transmitiam pura segurança. Suas mãos no meu corpo não eram de um homem, mas sim de um anjo que protege. Seu corpo, quente e perfumado, agiam como tranquilizantes para a alma. O sussurrar de sua voz em meus ouvidos eram interpretadas como ondas de profundo amor incondicional, quando me disse: “chore, se precisar, mas deixe-me cuidar de você”. Como uma criança tomada pelos braços do pai, aos poucos, fui acalmando e retomando a serenidade. Ficamos de pé, abraçados, por vários minutos. A essa altura, estava completamente entregue a ele e não desejava mais

abandoná-lo. De olhos fechados, reclinando a cabeça no seu peito pedi, com sentimento e desejo de alcançar misericórdia, apertando-o junto a mim: “não vá embora”. Fui respondida imediatamente com reciprocidade de seu abraço, trazendo-me muito mais para perto de seu corpo. Quase dava a impressão de sermos apenas um.

De alguma forma eu sabia que poderia confiar naquele estranho, que viveu coisas em comum comigo, compartilhou lugares e festas... Não tê-lo conhecido naquela época foi um duro golpe da vida para mim. Recobrada minha momentânea sanidade, agradei em tom de despedida, mas ele não me deixou partir. Olhou-me seriamente, conteve meu rosto em suas suaves mãos fazendo com que seus dedos se entrelçassem em meus cabelos cacheados, e me disse: “deixe-me cuidar de você, seja lá qual for sua necessidade”. Respondi silenciosamente, balbuciando entre os lábios e admirando seus olhos castanhos, que minha maior necessidade era saber que eu tinha significado para alguém. “O que será que vai acontecer nas próximas horas... nos próximos dias”, imaginei. Desejei tê-lo conhecido há alguns tempo atrás, antes da minha dor se tornar insuportável. Ainda me lembro quando tudo começou.

EM BREVE. NAS LOJAS:

UM LUGAR PARA DOIS, de *Enio Favacho*.

contatos: effavacho@hotmail.com